

Por um novembro de luta contra o racismo e a violência de gênero

*A história, apesar de dolorosa, não pode ser apagada.
Mas, se for encarada com coragem, não precisará ser vivida novamente.*
(Maya Angelou, Poesia Completa)

Nós, do NUDEM, costumamos falar bastante de datas. Nosso calendário é repleto de dias contra a violência (em suas várias formas), dias pelos direitos das mulheres, dias de lembrar, de denunciar, de lutar. Não apenas nós, é claro: diversos coletivos e organizações que historicamente trabalham pela construção de um mundo mais justo tem essa - curiosa - mania de recordar fatos, acontecimentos, indivíduos.

Não temos nenhuma dúvida de que, em uma nação atravessada pelo racismo e pelo machismo como a nossa, todos os dias deveriam ser dias de os debater e combater. Infelizmente, não é isso que ocorre. As opressões e violências persistem, resultado de uma realidade complexa; e mesmo aqueles que dizem não concordar com elas, acabam, muitas vezes, se acostumando, fechando os olhos para as desigualdades ao seu redor, ainda mais quando delas se privilegiam, ainda que não queiram.

Por isso falamos do tempo e da história. Nosso tempo é ditado pelo relógio: o fluxo do dia a dia é ininterrupto, não descansa, assim como nós. Nosso presente é marcado pela história dos que venceram: ouvimos sua versão dos fatos, festejamos suas conquistas e seus heróis, mesmo que essas conquistas tenham sido à custa, ou até mesmo sobre os nossos corpos.

Mas quando celebramos a consciência negra, quando relembremos Zumbi e a luta do Quilombo dos Palmares; quando mobilizamos pessoas ao redor de todo o mundo em uma campanha pelo fim da violência contra a mulher, desafiamos tanto esse ritmo acelerado e irrefletido, como essa versão *oficial* da história. A palavra *'recordar'*, em sua origem, significa trazer ao coração. Em meio a uma pandemia que de inesperada se transformou em velha-conhecida, em um mundo contraditório e desigual, nosso desafio, para além de dados e informações, é *propor uma leitura à contrapelo*. Ou seja, uma forma de olhar para a história e vê-la do ponto de vista dos oprimidos; e ao mesmo tempo, enxergá-la repleta de lutas - passadas, presentes e futuras - como nosso caminho para um outro mundo possível.

Porque o nosso mundo, como todos nós sabemos, não anda nada bem. Pelo menos não para a grande maioria, explorada e violentada em uma sociedade que se estrutura sobre essas opressões de gênero, raça, classe, etc. O discurso oficial pode negar o quanto quiser: no Brasil, em que as classes sociais têm gênero e cor, as mulheres negras continuam sendo *"a carne mais barata do mercado"*.

Economicamente, elas formam a maior parte do grupo de mulheres vulneráveis: são a maioria das pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza¹, assim como de 'mães solo'², sendo que a maior parte dos lares por elas chefiados encontram-se abaixo dessa linha³; constituem a grande maioria das trabalhadoras domésticas⁴, e metade delas encontra-se no trabalho informal⁵; têm 50% mais

¹ Disponível em: <<https://thinkolga.com/covid-19/economia-trabalho/>> e <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>>.

² As pretas e pardas equivalem a 64%, ou quase 1,1 milhão, das profissionais que são "mães solo". Disponível em: <<https://www.fup.org.br/ultimas-noticias/item/25524-retomada-da-economia-sem-politica-publica-piora-vida-das-mulheres>>.

³ 63%, segundo a Síntese dos Indicadores Sociais, do IBGE.

⁴ Temos 6 milhões de trabalhadores domésticos, sendo 5,7 milhões de mulheres e 3,9 milhões de mulheres negras.

⁵ *Síntese de Indicadores Sociais do IBGE*. Disponível em: <<https://thinkolga.com/covid-19/economia-trabalho/>>.

de chance de ficarem desempregadas do que outros grupos⁶; e a maioria das mulheres desempregadas são negras⁷.

Quando pensamos em direitos e garantias, também a cidadania tem raça e cor preferencial. Em uma cidade que aparta as populações mais pobres dos centros de serviços e de trabalhos, são as mulheres negras e periféricas as que passam mais tempo no transporte e se locomovem as maiores distâncias. Agravando essa realidade, elas ainda sofrem ainda um processo de hiperssexualização e desumanização de seus corpos, vistos como descartáveis ou violáveis. Essa realidade se reflete na maior taxa de assédio que sofrem, seja nos espaços públicos⁸, seja no ambiente de trabalho.⁹ Seu acesso ao sistema de saúde é menor, a ponto de uma pesquisa recente ter indicado que mulheres negras grávidas tem duas vezes mais chance de morrerem por COVID-19 do que mulheres brancas¹⁰. O que se reflete também em casos de gravidez indesejada e da realização de aborto inseguro, já que são as mulheres negras, jovens, solteiras e com até o Ensino Fundamental aquelas que mais morrem por aborto no Brasil¹¹.

Por fim, em uma das facetas do que Achille Mbembe denominou de necropolítica, a descartabilidade de suas vidas, em meio à violência presente, é gritante. O encarceramento, no qual o cruzamento da seletividade e do racismo se escancara, atinge de forma desproporcional as mulheres negras¹². Em relação a todas as formas de violência de gênero (sexual¹³, obstétrica¹⁴, física¹⁵, etc.) sua situação é agravada, enquanto vítimas preferenciais das ocorrências. Como se não bastasse, para além do crescimento contínuo do número de assassinato de mulheres no país, em 2017 o crescimento da taxa de assassinato de mulheres negras foi mais de seis vezes maior que o de mulheres não-negras.¹⁶ Em 2018, a cada duas horas uma mulher foi assassinada no país, sendo que 68% delas eram negras.

E mesmo diante de um cenário tão grave, tal realidade não é considerada na formulação de políticas ou na aplicação da lei. Tanto porque trata-se de um grupo extremamente sub-representado na política¹⁷ e no judiciário¹⁸, quanto porque permanecem as representações sociais racistas em grande parte dos espaços.

⁶ Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <<https://exame.com/economia/saude-financeira-de-mulheres-negras-e-mais-critica-na-pandemia-da-covid-19/>>.

⁷ 58%. Disponível em: <<http://mulheresnapanademi.sof.org.br/>>.

⁸ Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e do Datafolha sobre a vitimização sofrida por assédio em 2018 mostrou que as mulheres que se autodeclararam pretas afirmaram ter sofrido mais assédio (40,5%) em comparação com as mulheres brancas (34,9%). Disponível em: <<http://www.iff.fiocruz.br/pdf/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf>>.

⁹ Pesquisa nacional do LinkedIn e da consultoria de inovação social Think Eva apontou que quase metade das mulheres já sofreu algum assédio sexual no trabalho. Além disso, a maioria das entrevistadas que já sofreram alguma forma de assédio sexual no ambiente de trabalho são mulheres negras (52%) e que recebem entre dois e seis salários mínimos (49%). Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/10/08/quase-metade-das-mulheres-ja-sofreu-assedio-sexual-no-trabalho-15percent-delas-pediram-demissao-diz-pesquisa.ghtml>>.

¹⁰ Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/30/mortes-por-covid-19-sao-o-dobro-entre-mulheres-gravidas-pretas-em-relacao-a-brancas-no-brasil-mostra-estudo.ghtml>>.

¹¹ Fala da pesquisadora Maria de Fátima Marinho de Souza, Audiência Pública ADPF 442 no STF, 2018.

¹² Segundo Brasil (2018) A informação sobre a raça, cor ou etnia da população prisional feminina estava disponível para 29.584 mulheres (ou 72% da população prisional feminina). A partir da análise da amostra de mulheres sobre as quais foi possível obter dados acerca da raça, cor ou etnia, podemos afirmar que 62% da população prisional feminina é composta por mulheres negras.

¹³ De acordo com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019¹³, foram feitos 66.041 registros de violência sexual em 2018 no país, o maior número já registrado. Deste total, 81,8% das vítimas eram do sexo feminino, 53,8% tinham até 13 anos e 50,9% eram negras, o que aponta para a maior vulnerabilidade destes grupos.

¹⁴ Disponível em: <<https://almapreta.com/editorias/realidade/marcas-da-violencia-obstetrica-atingem-majoritariamente-as-mulheres-negras>>.

¹⁵ Segundo os números do Ligue 180, serviço do governo que recebe denúncias de violência contra a mulher, 60% dos relatos de 2016 também foram feitos por mulheres negras.

¹⁶ Segundo o Atlas da Violência de 2019, 4.963 brasileiras foram mortas em 2017, considerado o maior registro em dez anos. A taxa de assassinato de mulheres negras cresceu quase 30%, enquanto a de mulheres não negras subiu 4,5%. Entre 2012 e 2017, aumentou 28,7% o número de assassinatos de mulheres na própria residência por arma de fogo.

¹⁷ Das 57 mil cadeiras de câmaras municipais no Brasil, apenas 2,8 mil eram ocupadas por parlamentares mulheres negras e pardas, conforme dados do TSE. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2020/07/urgente-uniao-parlamentares-negras/>>.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.ajufe.org.br/imprensa/noticias/10551-quantas-sao-as-mulheres-negras-na-magistratura>>.

Tentam apagar, tentam silenciar, mas diante da violência mais brutal, negros, mulheres, indígenas e outros grupos oprimidos, todos têm em sua história a marca da luta e da resistência. Por isso que no mês da consciência negra, em um núcleo que promove e defende os direitos das mulheres, e em uma sociedade em que as mulheres negras são ao mesmo tempo o ponto de intersecção de opressões e violências, e de irradiação de resistência e força, pensar como a raça estrutura nossa sociedade e lembrar que o antirracismo deve ser um processo diário e de todas/os/es e não apenas daqueles que sofrem com essa forma de opressão, torna-se uma tarefa fundamental.

De modo que, nesse novembro, em que celebramos a consciência negra e iniciamos a campanha dos 21 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres, precisamos, mais ainda, olhar de forma crítica para as várias hierarquias opressoras que atingem os diversos grupos sociais, submetendo-os à subalternização ou mesmo à aniquilação. O fato de mais de 160 países se unirem, anualmente, em torno da denúncia e da conscientização sobre a situação das mulheres ao redor do globo representa um acontecimento de profunda importância, mas que tem de ser combinado com as dimensões específicas de raça, classe, etnia, etc., existentes em cada país.

Pois ao gritarmos o que significa ser mulher na nossa sociedade, temos de nos questionar de que mulheres estamos falando: qual é a cor do imaginário universal, merecedor de reconhecimento e proteção? Se a pandemia, apontada tantas vezes como um reflexo potencializado de desigualdades já existentes, mostrou como as mulheres são as maiores atingidas, pensando em termos de violência, vulnerabilidade econômica, acúmulos de funções e sobrecarga emocional, tudo isso foi ainda mais grave para as mulheres negras.

Por mais que tal dificuldade não possa ser menosprezada ou subestimada, Grada Kilomba nos mostra como os grupos oprimidos e colonizados estão longe de serem vítimas passivas do processo de dominação. *Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela*, e apesar de elas serem as protagonistas de *uma história que a história não conta*, sua luta nunca deixou de ocorrer. Da resistência e potência que elas representam, apesar da invalidação de suas vozes e desumanização de seus corpos, é que virá o dismantelamento da sociedade racista e patriarcal. Como diz bell hooks, *nelas encontra-se a possibilidade de mudança*.

Mas uma transformação efetiva, da qual elas são protagonistas, somente se efetivará através de um radical combate e dismantelamento de hierarquias e opressões. Audre Lorde, em sua crítica incisiva à todas as formas de opressão, aponta como só chegaremos a ter *uma existência mais rica e plena (...) quando as forças se unirem, não passando por cima das diferenças, mas as reconhecendo em prol da superação das desigualdades*. Nesse sentido, enquanto Núcleo, reforçamos iniciativas que combatam a violência – como é o caso da campanha dos 21 dias pelo fim da violência de gênero, antecipada no Brasil para o 20 de novembro, exatamente em razão da consciência negra. Pois combater a violência, no Brasil, passa necessariamente por combater o racismo. E como bem nos lembra Angela Davis: *numa sociedade racista não basta não ser racista. É necessário ser antirracista*.

Com isso em mente é que celebramos o 20 de novembro: como a marca de uma luta histórica e diária. Como um símbolo de resistência e força de todas aquelas que lutam pela liberdade e por um mundo livre de violências e opressões. Luta que deve ser construída por todas, todes e todos, afinal, *é nela que a gente se encontra*.

Andréa Lasevicius
Estagiária do NUDEM